



PROJETO
SERTÃO CARIOCA
CONECTANDO CIDADE E FLORESTA

BOLETIM MULHERES. JOVENS E GRIÔS

CONECTANDO IDENTIDADES E A LUTA DAS MULHERES

Edição Nº 3 - Março, 2022



**Para você, o que
significa ser mulher?**
Páginas 4 e 5

**Como é trabalhar em coletivos
formados só por mulheres?**
Páginas 6 e 7

**Qual é a sua luta no Dia
da Mulher?**
Páginas 8 e 9

Eu sou uma mulher

Isso não é uma pergunta

É uma afirmação

Eu sou uma mulher.

A pergunta é:

Qual o custo de ser uma mulher nesta sociedade?

O que significa ser mulher num mundo que odeia mulheres?

Eu sou uma mulher

Mas que mulher?

Mas que mundo?

“Afirmação”, Lana de Holanda, 2022

Realização

Áurea Andrea - **Empório da Chaya**

Ana Carolina Milanez - **AS-PTA**

Bruna Távora - **AS-PTA**

Christiane dos Santos Rio Branco - **Mulheres de Pedra / Arranjo Local de Guaratiba**

Estella Klein - **AS-PTA**

Geovana Melo - **AS-PTA**

Josiane da Silva Fausto - **AS-PTA**

Kizzy Martins - **AS-PTA**

Letícia Ribeiro - **AS-PTA**

Luane Martins - **Espaço Ubuntu**

Marina Pellegrini - **AS-PTA**

Mariana Portilho - **AS-PTA**

Renata Souto - **AS-PTA**

Sol Silva - **UFRJ (Rede de Agroecologia da UFRJ)**

Facilitação Gráfica

Bianca Santana

Diagramação

Gabriel Amorim

Coordenação Editorial

Bruna Távora e Mariana Portilho

Para você, o que significa ser mulher?

Geovana Melo AS-PTA

Pensar sobre o que significa ser mulher é bem difícil. Mas sei que muito da mulher que eu sou vem 100% das mulheres que me criaram. Quando as pessoas que gosto de me relacionar conhecem minha mãe, minhas avós, minhas primas, elas passam a conhecer um pouco mais de mim.



Christiane dos Santos Rio Branco Mulheres de Pedra

Ser mulher é ser um conjunto das mulheres que nos precederam. A colcha de retalhos é uma forma da gente contar nossas histórias. Eu me defino como uma colcha de retalhos. É uma colcha que foi tecida pela minha mãe, pela minha avó e bisavó. Quando a gente fala daquelas que nos antecederam, enquanto mulher, negra, lembramos daquelas que se sacrificaram para que hoje, pessoas como eu possam estar cursando mestrado. Ser mulher é um pouco pensar no passado e tudo o que nos antecedeu.

Mariana Portilho AS-PTA

Quando escuto essa pergunta, a resposta disso sempre vem como um tolhimento da minha liberdade de ser. Durante minha formação o ser mulher foi colocado de uma maneira negativa pra mim. Vinha atrelado sobre a forma que eu deveria me comportar, falar, me vestir e até mesmo com que brinquedo eu deveria brincar. Venho construindo esse novo significado do que é ser mulher. Pois a mulher que me tornei é diferente daquela que me falavam sobre como eu deveria ser. E ainda bem!





Ana Carolina Milanez
AS-PTA

Muitas coisas foram impostas para mim sobre o que é ser mulher (uma visão patriarcal e machista), e é quando me uno a outras mulheres que eu posso compreender melhor o sentido do verdadeiro ser mulher. É com a união das mulheres, que sinto que quanto mais me curo do que me apresentaram que deveria ser o “ser mulher”, mais minha mãe, irmã, amigas se curam. Juntas nos curamos. O ambiente de trabalho tem me facilitado trocas necessárias e confortáveis sobre o assunto, isso é maravilhoso para juntas mudarmos o ambiente de trabalho e sermos respeitadas.

Marina Pellegrini
AS-PTA

ser mulher é estar atenta para se desafiar e desenvolver o hábito de fazer. É uma descoberta diária de testar nossas capacidades para fazer desse mundo, o nosso mundo. A gente gera o mundo, a gente nasce da dor. O homem cria a guerra porque não vive a dor no corpo. Eu acredito na troca entre mulheres porque é um dos únicos lugares confortáveis que conseguimos nos entender, colocar nossas questões. Na agroecologia, o feminismo tem um papel muito importante. Gosto muito de plantar, fazer manejo e poda, mas há desconfiança por parte da sociedade sobre isso, sobre se somos capazes.



Renata Souto
AS-PTA



Eu não sei se sou mulher, estou me tornando mulher aos poucos. O biológico já não me define. Ao contrário, eu penso que é um processo nosso de afirmação. Estou no movimento de querer ajuda, porque estar mulher não avança. O que sinto é que a gente reproduz a masculinização e as formas de viver e de fazer do patriarcado e pouco reafirma as nossas potências. Diante de uma maternidade solo não programada, isso é uma masculinização, pois, desde o momento em que um homem se ausenta sendo metade da responsabilidade, onde a gente consegue, nesse mundo e nessa sociedade, ter uma identidade, ter um lugar?

Como é trabalhar em coletivos formados só por mulheres?

Luane Martins
Espaço Ubuntu

Eu tenho 17 anos e, pra mim, a descoberta de ser mulher é acompanhada de uma trajetória que vem ao longo dos anos... Apesar da imagem feminina estar associada a algumas profissões, não há nada que impeça nós, mulheres, de exercermos qualquer profissão. O impedimento não está relacionado à questão técnica ou de capacidade, isto é uma questão histórica que identifica algumas profissões como masculinas. Nosso desafio abarca alguns conceitos culturais, como tipos de brincadeiras e brinquedos, que separa o que é para meninos e para meninas. Se uma garota tem um sonho de ser eletrotécnica, ela pode ser. É só ter a oportunidade de ver áreas exatas e tecnológicas como possíveis para ela. A inovação proveniente da inserção das mulheres em meios diversificados e novas áreas do mercado de trabalho amplia a possibilidade de adequar nossos sonhos. Tem pesquisas que apontam que um local com diversidade e administrado por mulheres, está mais propício a ter inovação e criação de tecnologias. Isso não sabemos, por causa do preconceito embutido e uma herança cultural, de que mulheres não fazem parte dessa área. Qual é o nosso lugar na sociedade? É onde a gente quiser. Ser mulher é ultrapassar os obstáculos impostos. A sociedade e o mundo afora são cheios de preconceitos, e por isso, é uma batalha diária de conhecimento e reconhecimento.



Christiane dos Santos Rio Branco
Mulheres de Pedra

Estar em coletivo só de mulheres é se abraçar e se ouvir dentro de histórias muito parecidas de luta e de reconhecimento. Faço parte do coletivo Mulheres de Pedra, que foi criado em 1980 e começou com o intuito de dar luz ao trabalho das mulheres artesãs. Em sua maioria, mulheres casadas com pescadores da região de Pedra de Guaratiba.

Os pescadores ficavam um tempo no mar pescando, e as mulheres ficavam em casa tecendo sua arte e não tinham onde expor. Nos anos 2000, o coletivo passou a ter outro caráter com a artista plástica Dora Romana, que introduziu uma narrativa poética de suas vivências e memórias na comunidade, transfigurada no trabalho das colchas de retalhos. Além de estudantes que contribuíram para novas atividades e construções indenitárias dentro do coletivo. Com isso, nossa matriarca, Leila, coordenadora do coletivo, organizou a casa que, hoje, é a sede, onde também

estamos desenvolvendo um museu social. Nossa casa e nosso coletivo atingem todo o território. Muito mais do que um trabalho, somos uma forma de acolher e de ouvir. O momento de escuta é um momento de alívio. Pra mim, o local do coletivo é um lugar de aprendizado contínuo, porque, a gente pensa que os nossos problemas são sempre os maiores. Mas, quando a gente se depara com outros problemas, a gente aprende a ouvir a outra, a se doar. São mãos que se amparam. É uma forma de troca, conhecimento e afeto. Isso só é possível por essa união. Solidariedade, União, Troca e Trabalho só com mulheres. Convido todas vocês a conhecer a casa e poder estar com a gente na nossa caminhada.

Áurea Andrea
Empório da Chaya

Nós, mulheres, temos embutido na nossa alma a capacidade de renascer e ressurgir. Nascemos com isso, e não aceitamos as coisas que nos limitam. Queremos superar nossos desafios diários. Desde a infância, sou a única mulher entre meus irmãos. Minha mãe fala “seus irmãos são muito parados mas você está sempre envolvida em alguma causa, em alguma luta.” Ser mulher é superar desafios. Não dá pra fazer um resumo do que é ser uma mulher. Ela é tudo o que ela quiser ser. A mulher tem que olhar pra si e buscar a independência dela. A gente é inspiração para algumas e também se inspira em outras. É importante consolidar o elo entre as mulheres, pois é isso que faz as coisas acontecerem. O coletivo Empório da Chaya surgiu de um acampamento do MST, onde o movimento tem como uma de suas frentes o trabalho associado ao coletivo. Eu me desafiei. A gente já tinha um coletivo que se organizou para se fortalecer na luta do acampamento. Em seguida, a gente montou o coletivo para produzir o artesanato. Plantávamos a cabaça e, depois, fazíamos o artesanato. Em seguida, fomos desafiadas a montar o coletivo para produzir alimentos. Do nosso encontro com a Verdejar Socioambiental, ganhamos uma muda de Chaya. No período de seca, a única coisa que conseguia se desenvolver foi a planta de Chaya, o que simbolizou a resistência. Ela, a planta Chaya, conseguiu resistir na beira da estrada, assim como nós coletivo de mulheres, que também resistimos. Conforme a plantação de Chaya foi crescendo, também crescia o grupo de mulheres. Mas nossa vontade para além da geração de renda, era mostrar nossa resistência de organização e ficar em grupo. O objetivo do coletivo é que a gente consiga conectar as mulheres com a comida natural como forma de combater a

fome. Quanto menos fomos ao mercado, mais incentivamos o plantio e a cozinha. Pra mim, a interação entre alimentação, cuidado e preservação da natureza é o que me anima. No acampamento, tinha uma mulher que era minha referência, ela ensinava pra nós que não existe “serviço pra homem”. Lá no acampamento eu aprendi que não podemos deixar que a sociedade diga o que temos ou não que fazer. Não é palavra de homem que vai fazer desistir dos objetivos. Nessa sociedade, querem impedir nossos desejos, mas não podemos ceder a isso. Temos que mostrar a que viemos e ninguém vai poder parar a gente. Devemos ao mesmo tempo respeitar o que cada mulher quer ser. Saber viver com a diversidade de mulheres e saber viver com elas.



Qual é a sua luta no Dia da Mulher?

Kizzy Martins
AS-PTA

08 de Março - vem como um marco dos direitos da mulher, uma data que representou a conquista dos direitos de trabalho das mulheres. Porém, não podemos esquecer que a mulher negra já trabalhava. Essa luta ignorou e até mesmo negou a particularidade de outras mulheres. É preciso levar em consideração a luta de cada uma. Quando pensamos o que é ser mulher, partimos de princípios diferentes. Temos construções sociohistóricas diferentes.

Eu cresci escutando as histórias das mulheres da baixada, Minha vó como líder do Movimento Comunitário de Mulheres, mulher negra e periférica que circulava pelas delegacias para saber e apoiar o combate à violência. Recomendo o podcast “Essas Mulheres Iguaçuanas” que conta a história do enfrentamento à violência contra a mulher dessas mulheres. Existe uma diferença entre o que tá registrado na academia e os relatos das mulheres da baixada, mas existem também outros registros orais para ouvirmos, outras histórias. É um dia pra gente lembrar todas as mulheres, sem ignorar a particularidade de lutas umas das outras. Convido todas as nossas múltiplas mulheridades para refletir: Qual a sua luta do dia da mulher? Pra mim é que comecemos a perceber, dentro das particularidades, as diferenças que existem entre as mulheres no enfrentamento da violência. Essa é a minha luta no dia da mulher. Devemos enfrentar a violência e garantir a diversidade também nas políticas públicas.



Sol Silva
UFRJ (Rede de Agroecologia da UFRJ)

A minha luta é uma luta de observar a terra como uma mulher e se perceber em integração com ela. Procuo exercitar a esperança de que ações de cuidado e direito a terra cresçam. Quanto mais mulheres unidas, maior é a chave da mudança. Só assim, haverá vida sadia no planeta terra. Percebi que haviam diferenças e violências entre homens e mulheres, que atravessam as mulheres e impedem que elas sejam quem elas querem ser. Hoje, vemos a consequência que é a devastação do planeta, as violências realizadas contra a mulher, de forma similar são realizadas contra terra. Um dos resgates possível é a relação com a nossa própria árvore genealógica, sobretudo a relação com a mãe. A gente precisa se reconectar com a vida.

Mulheres que nos inspiram nesse dia de luta



Beatriz do Nascimento



Chica da Silva



Conceição Evaristo

REALIZAÇÃO



PROJETO
SERTÃO CARIOCA
CONECTANDO CIDADE E FLORESTA



APOIO



PATROCÍNIO

